

1 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA POSSÍVEL NA ESCOLA.

Simone Isabel Sardi Vieira
Pedagoga PDE/2008

1.1 INTRODUÇÃO

A orientação profissional faculta uma escolha profissional que esteja, em sintonia com o conhecimento de si mesmo e da realidade do mercado de trabalho em que se insere, uma escolha refletida e discutida que envolve angústias, dificuldades, concessões e também alegrias, no sentido de a pessoa se assumir como responsável por si.

Ela atua em todos os níveis e, seu objetivo inclui um projeto para a vida. Nesse sentido, Jenschke (2002) defende uma orientação profissional que "prepare as pessoas para enfrentarem as permanentes transformações sociais e as situações da vida do indivíduo".

Segundo Saviani (1986), diante da necessidade da inclusão social no que se refere à educação como prioridade para permitir o crescimento do país e também suprir a necessidade do mercado de trabalho houve uma separação de educação e cidadania, a fim de que a educação ajustasse os indivíduos ao mercado de trabalho e a acessibilidade da educação a todos.

Ao considerarmos a orientação profissional como possibilidade de escolha, a oferecemos, muitas vezes, aos indivíduos das classes média e alta (LISBOA, 2002). Isto pode levar ao esquecimento de que a proposta da orientação profissional "reside na preocupação do significado do trabalho para a sociedade, na sua construção, na sua transformação, na formação de valores, no compromisso com a constituição de uma sociedade pautada em determinados princípios" (LISBOA, 2002, p.44)

Muitas vezes o jovem pensa não ter dúvidas sobre qual profissão deve buscar, por não ter averiguado todas as possibilidades e por ter uma relação fantasiosa com a profissão almejada. A orientação profissional é uma medida

preventiva que objetiva auxiliar o jovem no processo de maturação em relação à escolha, orientando-o para qual caminho deve seguir, levando-se em consideração seus aspectos pessoais, familiares e sociais configurando a vontade de querer todas as possibilidades, porém, escolher significa dar preferência a uma delas perdendo-se todas as outras, as demais alternativas que a princípio são igualmente atraentes, mas escolher uma delas significa não ter acesso as outras não é somente quem tem dúvidas sobre a profissão que deve buscar auxílio mas toda pessoa em situação de escolha (LUCCHIARI, 1993).

Conforme Cória-Sabini (2004), a escolha vocacional é um dos problemas mais preocupantes para o adolescente. Ela provém da interação entre as aspirações e os conhecimentos que o jovem tem e suas condições atuais para a realização. Este processo é bem demorado, ele ocupa várias etapas da vida.

Segundo a autora ele inicia-se com a “fase da fantasia” onde o então pré-adolescente já reflete detalhadamente os fatores que facilitarão ou dificultarão a realização de sua ambição profissional. Na adolescência inicia-se o “período realista”, nele o adolescente consolida seu interesse por uma atividade e começa a verificar as probabilidades ocupacionais que poderá ampliar dentro da área escolhida. Isso é possível de acordo com os conhecimentos que tem de cada profissão. Sua primeira escolha pode não “ser para sempre”.

Para a realização profissional há várias etapas, elas iniciam-se com freqüentar um curso superior ou o primeiro emprego, onde ele pode reformular ou manter sua opção, pois há uma tendência em idealizar a profissão escolhida.

Com a evolução da sociedade, o surgimento de novas oportunidades profissionais e o avanço tecnológico, novas opções despontam no mercado e a escolha profissional feita na adolescência poderá ser reformulada ou reforçada. O indivíduo pode adiar por vários anos sua verdadeira realização profissional e só concretizá-la após a aposentadoria.

De acordo com Levenfus (2002):

o autoconceito influi na escolha da profissão; sua formação se inicia com o desenvolvimento da identidade e coincide com o momento dessa escolha, vai evoluindo conforme o adolescente psicossocialmente explora, se identifica, sofre influências e desempenha papéis.

Segundo Bohoslavsky (1977, p. 32) “a escolha não é um momento estático no desenvolvimento de uma pessoa. Ao contrário, é um comportamento que se inclui num processo contínuo de mudança da personalidade”.

Escolher faz parte de nossas vidas, sempre estamos em situação de escolha, ela não ocorre em determinada época e depois nunca mais, por isso a importância de se compreender o que é e como fazer escolhas, pois, conforme Bohoslavsky (1977) “a possibilidade do decidir está estritamente ligada à possibilidade de suportar a ambigüidade, de resolver conflitos, de postergar ou graduar a ação, de tolerar a frustração”.

Muitas das escolhas profissionais são feitas sob uma visão linear sempre ligada a uma motivação pessoal, um gosto, um interesse em realizar alguma atividade, isso não leva a uma satisfação profissional, pois, para ser bem sucedido em uma profissão é preciso muito mais (LUCCHIARI, 2002).

O jovem nesta fase da adolescência passa por um momento muito delicado de reconhecimento de sua identidade. Ele ainda não definiu bem o “eu sou” e, talvez nem o venha definir completamente. E, é o futuro que determinará quem “eu serei” com o referencial do passado “eu fui”.

Referente ao autoconhecimento Lucchiari(2002, p. 29) escreveu:

O fato de decidirem-se com mais conhecimento de si mesmo e do mundo do trabalho traz uma motivação e um interesse muito maior pela atividade a ser desenvolvida. Em geral esse tempo gasto para pensar e refletir proporciona um amadurecimento maior no jovem em relação a si mesmo e à escolha realizada.

É fundamental que o jovem venha sendo preparado, no decorrer de sua vida acadêmica, para o momento de escolha, assim quando chegar a hora ele sentir-se-á com mais estrutura emocional para as conseqüências que derivarão desta escolha, prosseguindo ou retomando novos caminhos.

A adolescência é uma das etapas da vida do indivíduo em que a necessidade de educação mais se faz presente. E, a escola é o espaço de maior privilégio de vivência da adolescência, pois, é um espaço físico social, humano, ideológico, o lugar das idéias por excelência, de debates, de transmissão, de assimilação ou rejeição em que a adolescência floresce todos os dias. Assim sendo, este ambiente educativo terá que olhar para o adolescente em suas necessidades de desenvolvimento entre a capacidade de inter relação e a

consolidação de sua identidade, possibilitar o contato com figuras significativas, confronto com valores, atitudes e ideais que poderão dar sentido à sua vida no seu processo de descoberta de si mesmo, possibilitando assim, num contexto protegido e aberto o encontro consolidar-se como pessoa sem ter que converter as suas fragilidades em agressividade.

De-Farias e Ribeiro(2007, p. 98) abordam a influência familiar da seguinte forma:

A criança, ao longo do seu desenvolvimento, precisa aprender com o apoio de seus familiares e educadores a assumir suas responsabilidades e escolhas. Ao ser incentivada e apoiada em suas decisões a criança aprende a emitir comportamentos adequados em seu meio social e de forma segura, sendo então reconhecida(conseqüências positivas). Se a criança não aprende a enfrentar situações de estresse ou de qualquer outro tipo de dificuldade com o apoio e carinho de seus familiares, haverá uma grande probabilidade dela aprender a emitir comportamentos de fuga e esquiva ou agressivos, conforme a sua história de reforçamento.

Um adolescente que tenha passado por uma infância com a participação efetiva de seus familiares e educadores tende a realizar suas escolhas com maior facilidade e a superar as frustrações com mais naturalidade, por isso a atuação da família e da escola é um ponto fundamental na formação de um indivíduo.

Segundo Lucchiari (2002) são as relações estabelecidas entre as pessoas que desempenham papéis importantes na vida de cada um, como os pais, amigos, professores,etc é que formam a identidade. Ela diz: "Desde criança já nos identificamos, consciente ou inconscientemente, assumindo e experimentando papéis que vão servir de base para o estabelecimento da identidade futura."

Sobre a formação da identidade familiar Lucchiari(2002, p. 31) relata:

As profissões dos pais influem de forma decisiva na maneira como o jovem representa o mundo do trabalho. A formação da identidade profissional está relacionada com a sua percepção da satisfação ou insatisfação de seu pai em seu trabalho.

Os pais e/ou responsáveis pelo jovem devem tomar muito cuidado ao expor suas experiências profissionais pois elas poderão fazer a diferença na escolha deste jovem, tanto para a realização quanto para a desilusão.

1.2 A FAMÍLIA NO MOMENTO DE ESCOLHA

A família como primeira instituição que faz da criança um sujeito que tem uma história mas que também constrói uma nova história precisa irmanar-se na tarefa de ajudar as crianças a se tornarem cidadãos. Os pais são os primeiros educadores, e é deles que a escola recebe o encargo por delegação. Escola esta escolhida por eles.

É na família que a criança forma os conceitos de si própria, do mundo e do lugar que ocupa no mundo. O relacionamento familiar permitirá ou não, um autoconceito favorável, além de um julgamento pessoal que o indivíduo assume perante si próprio. Este autoconceito influirá diretamente em suas escolhas.

A participação da família no processo de escolhas do jovem é de suma importância. Porém, especificamente na escolha profissional, esta deve ter cuidado para que a busca pela realização de suas expectativas em detrimento de interesses pessoais não influencie na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais.

De acordo com Lucchiari (2002, p. 53):

A família é a célula social responsável pela transmissão da ideologia dominante, dos valores morais, dos pensamentos e da cultura, o elo intermediário entre o social e o indivíduo e, o jovem é o resultado dessa relação da família com a sociedade.

As perdas dos adolescentes são de grandes influências em suas escolhas, vejamos o que Pigozzi(2005, p. 92-93) escreveu a este respeito.

Em seu processo de crescimento, a cada nova descoberta que o adolescente faz, há uma perda envolvida. Ele perde o Papai Noel, o coelhinho da Páscoa, o nascimento pela cegonha, o sexo das abelhinhas, as brincadeiras de roda, os lápis de cera, os balões. Mas ganha uma ampliação do entendimento do mundo real. Ganha o engajamento político, direitos e deveres cívicos, descobre o prazer em seu corpo e no corpo do outro. Surpreende-se diante da descoberta do sexo, da culpa, do poder das palavras. A bolha da infância que o continha estourou. A estrada reta tornou-se uma encruzilhada. Agora ele terá de escolher seu caminho.

Escolher é um processo doloroso que exige muito de qualquer um que se encontre nesta situação, especialmente um jovem que está em formação. E, para

que ele tenha uma maior, segurança, tranquilidade neste momento é necessário um apoio familiar, o que não garantirá o acerto na escolha mas amenizará a frustração caso não seja feita a correta.

Muitas famílias querem contribuir para o acerto na escolha profissional, porém, na ânsia de que o jovem acerte, não sofra, acaba por realizá-la, ou até mesmo determiná-la por ele, desconsiderando seu real interesse, o que por vezes acarreta em profissionais amargos, mal humorados, descompromissados.

Almejando evitar tal situação é que a família, antes de emitir qualquer opinião referente à escolha profissional do jovem, precisa também se informar do como fazê-lo e saber aceitar e apoiar quando a decisão deste não condizer com o esperado, sonhado por todos.

Os familiares precisam ter ciência de que são transmissores de valores, atitudes e informações profissionais e que exercem influência contínua durante a adolescência.

É fundamental analisar os determinantes familiares na escolha profissional pois são reflexos de toda uma sociedade que organiza a vida dos seus indivíduos. Sendo a família a responsável pelo estabelecimento da ponte com a sociedade, não pode ser vista fora desta dimensão.

1.3 ESCOLHA PROFISSIONAL: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?

A escola é a maior responsável pela mudança social. Esta só ocorrerá com cidadãos, conscientes da realidade, com alternativas de mudanças reais, que tomem decisões responsáveis e transformadoras em prol de um bem comum. Vejamos o que Lucchiari relata a respeito disto:

A escolha consciente por parte dos jovens de sua futura profissão pode ser um dos caminhos para se alcançar uma maior relação da escola com a realidade. À medida que um maior número de pessoas ingressar na universidade, conscientes do seu compromisso social, poderá reivindicar mudanças, alterações curriculares e estruturais da universidade, tentando aproximá-la mais da realidade (LUCCHIARI, 2002, p. 58-59).

Para que o jovem não se sinta impotente quanto ao seu futuro, imaginando-se incapaz de realizar algum trabalho profissional quando conclui seu Ensino Médio, Profissionalizante ou mesmo a Universidade é necessário que haja uma integração entre a sociedade e os setores de produção. Mas isso não é nada fácil, pois os professores que atuam nestes níveis são frutos deste mesmo sistema de ensino desatualizado e ultrapassado.

Geralmente a escola não responde às necessidades de participação no mundo social, político e econômico, deixando nos jovens uma sensação de desamparo. Não há eficiência na orientação para o trabalho, não há integração da escola com a vida, dificultando ainda mais a escolha por uma profissão.

Para que o jovem realize sua escolha com tranquilidade é necessário que esteja preparado psicologicamente e que os fatores externos (família, escola, sociedade) o auxiliem, oferecendo-lhe as condições de que precisa para este momento de expectativas e de tensão emocional.

A escola propõe-se a oferecer conhecimentos técnicos e formação moral, mas, mesmo assim o jovem se sente só, sem rumo, frente ao desafio da escolha indelegável, do desafio à ação. A Orientação Profissional auxiliará no desenvolvimento de meios que busquem a clareza racional e o equilíbrio emocional, para que suas escolhas sejam compatíveis com a realidade,

Sabemos que a adolescência encerra importantes questões com as quais a pessoa é desafiada e que dizem respeito à passagem de um mundo infantil para o mundo das responsabilidades e da identidade adulta. Ninguém “para de crescer” com o fim da adolescência, mesmo sendo um período difícil de precisar quanto a seus limites exatos. Todos aprendemos e nos modificamos até o fim da vida. Em nossa cultura, nem sempre, para nós, é clara a passagem para o mundo adulto. Nossa sociedade contemporânea, ocidental, exige mais do indivíduo no que se refere a colocar-se enquanto sujeito adulto. Neste outro sentido é que se torna relevante o processo de Orientação Profissional.

Por isso, um processo de Orientação Profissional que facilite uma escolha consciente e bem formulada consiste em um primeiro passo à realização profissional. É, portanto, um instrumento que atua no sentido de programação da saúde humana, agindo profilaticamente. Uma pessoa satisfeita com seu trabalho, em uma ocupação associada a sua personalidade e a seus anseios, é alguém que tende à realização e a uma capacidade produtiva maior.

Com a globalização da economia, há exigências crescentes no mundo profissional, frente às quais são necessárias posturas flexíveis que respondam às demandas do mercado de trabalho. O ritmo das mudanças pede ao indivíduo uma postura ativa, de participante da realidade, capaz de se posicionar e de exercer escolhas constantemente.

A escola deve preocupar-se em conscientizar os jovens de que o momento de escolha é um processo de aprendizado a ser levado para outros momentos e que tem muito a contribuir na formação pessoal, no reconhecimento de si enquanto sujeito de escolha capaz de visualizar as possibilidades que a sociedade lhe oferece quanto a escolha profissional, além de ser um espaço para auto-conhecimento, apoio e busca de posicionamento crítico do sujeito frente ao processo de ingresso no mundo profissional, facilitando ainda a troca de experiências entre os envolvidos.

Nenhuma escolha é definitiva, pois situações novas sempre se apresentarão, exigindo posicionamento, escolha e ação. A escola pode “facilitar esta escolha”, ou seja, participar auxiliando a pensar, coordenando o processo para que as dificuldades de cada um possam ser formuladas e trabalhadas levando o jovem a descobrir quais caminhos pode seguir e que cada escolha feita faz parte de um projeto de vida que vai se realizando. “Nossa vida se define pelo futuro que queremos alcançar”.(LUCCHIARI, 1993)

Espera-se que a escola continue com a educação iniciada na família, pois esta realiza melhor função quando pode ampliar e aprofundar a educação já iniciada na família. E, mais tarde, pela sua produção individual, sua escolha e atuação profissional, já adulto, dará sua devolutiva à vida, com sua integração e participação na comunidade ampla.

Para se orientar o jovem a uma escolha profissional faz-se necessário que seja trabalhado questões como: O que é escolher? Quais aspectos estão envolvidos em uma escolha? Quais são os elementos sociais, econômicos, subjetivos que interferem na escolha? O que significa escolher uma profissão? Quem sou eu? Como eu escolho? Quais são meus talentos? Quais são minhas dificuldades? Como me localizo em relação às minhas escolhas? Como posso escolher melhor? Como minha postura diante das alternativas pode definir uma escolha consciente? Como me responsabilizo por minhas escolhas? Sou responsável por minhas escolhas e por meu futuro! O processo de escolha é contínuo!

1.4 ENEM E PROUNI: SIM OU NÃO?

1.4.1 Sobre o Enem

O Enem é um exame individual, voluntário, oferecido anualmente aos estudantes que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. Seu objetivo principal é possibilitar uma referência para auto-avaliação, a partir das competências e habilidades que estruturam o Exame.

O modelo de avaliação adotado pelo Enem foi desenvolvido com ênfase na aferição das estruturas mentais com as quais construímos continuamente o conhecimento. Sua prova é interdisciplinar e contextualizada colocando o estudante diante de situações-problema e pede que mais do que saber conceitos, ele saiba aplicá-los.

Ele incentiva a aprender a pensar, a refletir e a “saber como fazer”. Valoriza, portanto, a autonomia do jovem na hora de fazer escolhas e tomar decisões.

Mas o principal incentivo para que os concluintes e egressos do ensino médio façam o Exame é a possibilidade concreta de ingresso no ensino superior. Afinal, a nota obtida no Enem pode significar tanto uma bolsa integral ou parcial do ProUni, que utiliza os resultados do Exame como pré-requisito para a distribuição de bolsas de ensino em instituições privadas, quanto a conquista de uma vaga em algumas das mais prestigiadas instituições de ensino superior do País, entre elas as universidades públicas mais concorridas.

O Enem foi estruturado a partir dos conceitos presentes na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que reformulou o ensino médio no Brasil, tornando-o, etapa conclusiva da educação básica e porta de entrada para a educação superior no Brasil. Outra vantagem do Exame é que mais de 600 Instituições de Ensino Superior (IES) pelo Brasil utilizam seus resultados como complementação de seus processos seletivos (algumas até estudam substituir o vestibular pelo Enem como processo seletivo), o que acaba sendo um atrativo a mais para os estudantes participarem do Enem.

1.4.2 Objetivos do Enem

O principal objetivo do Enem é avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania. Desde a sua concepção, porém, o Exame foi pensado também como modalidade alternativa ou complementar aos exames de acesso aos cursos profissionalizantes pós-médio e ao ensino superior.

Ele tem como meta possibilitar a participação em programas governamentais de acesso ao ensino superior.

Busca, ainda, oferecer uma referência para auto-avaliação com vistas a auxiliar nas escolhas futuras dos cidadãos, tanto com relação à continuidade dos estudos quanto à sua inclusão no mundo do trabalho. A avaliação pode servir como complemento do currículo para a seleção de emprego.

1.4.3 ProUni

Um grande incentivo é o ProUni - Programa Universidade para Todos – que ajudou a popularizar o Enem desde que foi implantado em 2005.

O ProUni é um sistema de benefício aos estudantes de baixa renda que não têm condição de pagar uma faculdade particular.

O Programa distribui três tipos de bolsa. A bolsa integral, para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio, a bolsa parcial, 50%, para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, de até três salários mínimos e a bolsa de 25%, para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, de até três salários mínimos, concedida somente para cursos com mensalidade de até R\$ 200,00.

A escola deve esclarecer aos estudantes o real significado do Enem e ProUni, bem como seus benefícios, sem expressar opinião própria, evitando influências, para que cada um, conscientemente, possa escolher se quer ou não fazê-lo.

É importante que também os familiares sejam informados sobre o Enem e ProUni para que possam auxiliar, corretamente, o jovem, sem reprimi-lo ou obrigá-lo a uma escolha tendiosa.

O conhecimento dará a segurança que eles precisam para tomar sua decisão, não só nesta situação como em todas as que se apresentarem em sua vida. Grande parte deste conhecimento advém da instituição escolar tornando, assim, cada componente desta instituição co-responsável pelas escolhas realizadas pelos jovens.

E esta é uma responsabilidade muito séria. O compromisso que é estabelecido com este jovem, durante sua permanência na escola, poderá definir seu futuro tanto profissional como pessoal. A contribuição escolar é fundamental na sua formação.

1.5 VESTIBULAR: EIS A QUESTÃO!

No Ensino Médio, muitos professores enfatizam a questão do vestibular e, não são raras as vezes que se utilizam deste fato para atraírem a atenção de seus alunos, alguns até suprimem conteúdos importantes por não fazerem parte do que será “cobrado no vestibular”.

Muitos adolescentes já têm bem claro se querem ou não dar seguimento aos estudos após a conclusão do Ensino Médio, mas outros ainda encontram-se na dúvida.

Parte da responsabilidade em relação à instabilidade de decisão sobre o vestibular para o jovem está na expectativa de seus familiares, que é um reflexo da expectativa da sociedade, do ingresso de seus filhos na universidade, embora saibam das limitações dos números de vagas em relação ao número de inscritos.

Santos (1988, p. 79) explica o surgimento do vestibular:

O vestibular nasceu da necessidade de verificar se o candidato possuía suficiente conhecimento para realizar determinado curso superior. Isso porque o nosso sistema de ensino só tinha o ensino primário e o superior. D.João VI, chegando ao Brasil em 1807, tratou de criar as primeiras escolas superiores sem que tivéssemos um ensino médio. A intenção era evitar que os jovens brasileiros da aristocracia rural de então continuassem

peregrinando para Portugal para diplomar-se em um curso superior. O exame, de vestibulo, entrada, era uma forma de realizar um diagnóstico sobre as potencialidades do candidato para seguir determinado curso. Era um exame-diagnóstico, realizado da melhor maneira da época.

Para ingressar em qualquer instituição de ensino superior, seja ela pública ou privada, o jovem precisa passar por um vestibular onde seus conhecimentos serão medidos. Esta questão do vestibular está diretamente relacionada ao momento de decisão dos jovens.

Existe uma desproporção muito grande entre o número de candidatos e o número de vagas ofertadas, especialmente nas universidades públicas. Com isso, o ensino superior público que é um direito fundamental passa a ser privilégio de uma pequena parcela da população.

E este é apenas o primeiro obstáculo, pois mesmo conseguindo entrar na universidade fica complicado, ao jovem que precisa trabalhar, manter-se em curso e concluí-lo. Este fator, dentre outros interfere diretamente no processo de escolha do jovem quanto ao acesso ou não ao ensino superior.

O impacto do vestibular sobre os jovens é assim comentado por Lucchiari (2002, p. 67):

Estudar para o vestibular muitas vezes é aproximar-se de uma neurose. Há jovens que, no decorrer do ano do exame, deixam de passear, divertir-se, fazer outras coisas de que gostam somente para estudar. Resultado: acabam ficando mais ansiosos, sentindo-se divididos entre a vontade de estar aproveitando a vida e a urgência de estudar; tal sentimento de culpa os impede de verdadeiramente estudar e aprender o que estudam, gerando assim todo um processo de autopunição.

Este comportamento abordado por Lucchiari (2002), na maioria das vezes, é exigido pela família que acredita ser o melhor para o jovem naquele momento, e reforçado pela sociedade que por intermédio dos ditos aulões, “tortura” os candidatos com aulas nos três turnos e finais de semana, transformando-os em verdadeiros “zumbis”, fazendo-os crer que só assim conseguirão a aprovação no vestibular.

Com esta situação alienante, desvia-se o foco, pois os jovens que não são aprovados pensam não terem, apesar de tudo, se dedicado o suficiente ou então consideram o curso muito concorrido e mascara-se a falha que, na verdade, está na estrutura social que não está organizada de maneira a receber todos os que estão aptos ao ensino superior. Há uma dubialidade na situação, pois de um lado o jovem

é estimulado pela família, escola, sociedade a freqüentar um ensino superior mas, por outro, estas mesmas instituições sociais não lhe fornecem condições para tal.

Alves (1984, p. 74) tem uma abordagem forte a respeito dos exames vestibulares: “Os exames vestibulares se encontram entre os maiores vilões da educação brasileira. Seu poder de aterrorizar e intimidar é maior que todas as nossas filosofias e portarias empacotadas.”

O vestibular faz parte da vida do jovem desde que ele nasce, por intermédio dos sonhos de seus familiares, que perdem o sono pensando se seus filhos passarão no vestibular e, se for numa universidade privada, conseguirão pagá-la. Isso os atormenta por uma vida até a constatação do fato.

Para Alves (1984), os pais só pensam no tipo de conhecimento que ajudará o estudante a marcar as cruzinhas nos quadradinhos certos e, só aqueles que sabem que nunca terão condições de chegar até a universidade estão livres deste terrorismo.

A escola precisa ofertar as condições básicas de ensino e aprendizagem à seus educandos, considerando sua alegria, sua sensibilidade, seu prazer, para que possa buscar alternativas profissionais, não necessariamente o vestibular, que os satisfaçam enquanto pessoas, afim de não sobrecarregarem de expectativas sobre o mesmo, pois quando não alcançadas são o desencadear de frustração pessoal e de esperanças da realização de seus sonhos em seus filhos e, com isso a história se repete.

1.6 OUTROS CAMINHOS POSSÍVEIS

E, aqueles que são reprovados no vestibular uma, duas, três ou até mais vezes, o que restará como projeto de futuro? E, aquele que não deseja cursar uma universidade, que futuro terá? Estas são questões que perpassam as mentes de muitos de nós, então como respondê-las?

Embora neste momento de escolha o jovem se encontre em conflito, em processo de definição de sua identidade é possível conscientizá-lo sobre os fatores que interferem na escolha de sua profissão oportunizando-lhes reflexão, debate,

discussão entre si para que consigam detectar que fatores, em detrimento de outros, estão dificultando e/ou impossibilitando sua escolha.

É imprescindível levar o jovem a conhecer-se a si mesmo (a integração de suas vivências passadas, seu presente e suas expectativas quanto ao futuro), a compreender-se a identificar seus reais interesses, suas aptidões, seus anseios e a construir um projeto de vida, estabelecendo metas a serem cumpridas com objetivos bem distintos e com as dificuldades que terá que enfrentar. Todo esse processo contribuirá para que ele possa realizar sua escolha profissional baseado em suas construções.

O trabalho é algo que se faz presente desde a infância, a criança pequena refere-se às suas atividades escolares como “seu trabalho” isso pela identificação que estabelecem com seus pais e esta relação acompanha o indivíduo até sua escolha profissional.

Entendemos trabalho como parte integrante da vida de qualquer pessoa, sendo qualquer atividade desenvolvida pelo homem ao produzir algo útil para a comunidade. Ele deve gerar condições mínimas de sobrevivência e que em troca receberá saúde, alimentação e moradia para si e sua família. Em nossa sociedade a participação de cada um dá-se efetivamente pelo trabalho.

Muitas vezes o trabalho representa a manutenção ou a busca de status, realização pessoal, familiar ou independência. Portanto a escolha de uma profissão está intimamente ligada ao significado do trabalho para aquela pessoa.

É importante escolher aquilo que trará maior gratificação, realizando-a por um longo período de tempo, por isso deve ser coerente e consciente com os interesses e com as necessidades pessoais, para que seja realizado eficientemente.

A escolha é de responsabilidade de cada um, porém, as conseqüências da decisão têm inúmeras implicações sociais.

1.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Orientação Profissional não é algo que se faz em um determinado momento ou somente em uma série e pronto, ela é bem mais do que isso. É

necessário que se faça um preparo para chegar a ela e, este pode ocorrer desde as séries iniciais.

Quando a criança entra na escola ela já tem maturidade para começar a autoconhecer-se, quanto mais for trabalhado o autoconhecimento, mais chances ela terá de ser uma pessoa realizada, pois saberá distinguir seus desejos, seus interesses, suas habilidades e terá firmeza quando precisar decidir-se frente a uma situação qualquer, porque conhecerá suas reações, seus limites.

No decorrer do tempo escolar poderá elaborar projetos, a curto prazo, e aos poucos ir aumentando estes, até conseguir traçar, com responsabilidade, seu projeto de vida.

O mesmo acontecerá no campo profissional. Se a criança for conhecendo as profissões, suas facilidades, dificuldades, vantagens e desvantagens, quando chegar o momento em que terá que optar por uma profissão ou outra o fará com naturalidade, sem estresse, sem culpas e principalmente sem influências.

A escola tem grande responsabilidade com toda essa formação. E, o pedagogo é a pessoa mais indicada para coordenar esse processo contínuo, junto aos demais integrantes da comunidade escolar. Quando houver a consciência de que uma pessoa bem resolvida, segura daquilo que quer, só tem a contribuir com a sociedade então se começará a pensar na prevenção através de investimentos na orientação profissional desde muito cedo..

Assim sendo teremos pessoas realizadas, felizes, com potencial inovador, com fundamentos para intervir na sociedade e, gradativamente ir transformando-a. É só por intermédio do conhecimento que conseguimos compreender nossa responsabilidade social e podemos sugerir mudanças.

Não nos esqueçamos que todo o processo de ensino aprendizagem deve estar vinculado, também, à família, que continua sendo o centro gerador do ser humano e, que unida a ela, a escola adquire a força necessária às conquistas.

No campo educacional. Reforcemos sempre que família e escola devem estar do mesmo lado, uma co-responsável pela outra. Este entrelaçar de relações fortalecerá a importância de ambas na formação do cidadão.

Orientar um jovem para a escolha de sua profissão é mais do que um dever. É uma obrigação nossa, educadores, formadores, de contribuir com a felicidade e realização das gerações do futuro.

Temos que educar para a vida. E ao fazê-lo, é preciso que se considere, como um de seus fins primordiais, o aperfeiçoamento de tudo quanto esteja compreendido na existência do ser humano.

1.8 SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1.8.1 Dinâmicas

1.8.1.1 Caixinha de Surpresas

- a) Objetivo: autoconhecimento; Falar sobre si.
- b) Materiais: caixinha com tampa e espelho.
- c) Procedimento:
 - Em uma caixinha com tampa deve ser fixado um espelho na tampa pelo lado de dentro;
 - As pessoas do grupo devem se sentar em círculo;
 - O animador deve explicar que dentro da caixa tem a foto de uma pessoa muito importante (ênfatizar), depois deve passar para uma pessoa e pedir que fale sobre a pessoa da foto, e não devem deixar claro que a pessoa importante é ela própria;
 - Ao final, o animador deve provocar para que as pessoas digam como se sentiram falando da pessoa importante que estava na foto.

1.8.1.2 Bexigas Distantes

- a) Objetivo: Mostrar que nem sempre os caminhos mais fáceis são os melhores, aliás quase nunca. Se precisarem da ajuda (frente as dificuldades) de outro diga, quando não conseguimos vencer algo

sozinhos (vícios, frustrações etc.) podemos pedir ajuda a outra pessoa, mais velhas (no caso de adolescentes).

b) Material: bexigas coloridas; fitilho (fita de presente); mini balas; tirinhas de papel com palavras boas e ruins do tipo: sucesso, amor, paz, vida eterna, mentira, drogas.

c) Procedimento:

- Chegue antes para preparar a sala;
- Coloque balas junto com a palavra chave;
- Coloque uma tirinha de papel com um dizer 'ruim' encha a bexiga e coloque uma fita longa, cole no teto essa bexiga, de forma que fique fácil de pegar;
- Vá dificultando as bexigas e “melhorando” as palavras até a última bexiga, se ninguém alcançar diga que pode pedir ajuda um ao outro.

a) Público: pode ser feito com pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos, mudando as palavras para cada faixa etária.

1.8.2 Linha da Vida

a) Objetivo: Conduzir o grupo a uma reflexão sobre si mesmo.

b) Material: Papel e caneta

c) Procedimento:

- Pode-se trabalhar com toda a turma;
- Fornecer papel para que tracem a linha de sua vida, de dois em dois anos, destacando em cada um algum acontecimento marcante.

Ex: 1967_____1969_____1971_____1973_____

Nascimento - Nascimento do irmão - Cirurgia - Ingresso na escola

- A atividade poderá ser concluída em casa com o auxílio da família;
- Solicitar que, espontaneamente apresentem sua linha da vida. Questionar o por quê aquele fato foi importante, se houve reflexos futuros. Deixar que falem.

1.8.3 Recortes de Filmes

1.8.3.1 Projeto de vida

a) Passar trechos do filme: *Ratatouille*:

- o sonho do Remy quando estava no campo (Remy conversando com seu irmão; Remy assistindo ao programa de culinária; Remy procurando alimentos para criar algo diferente);
- as tentativas para realizá-lo (pondo o queijo no telhado , dando alimento na boca de seu irmão Emile e fazendo-o imaginar algo magnífico);
- as renúncias necessárias (quando Remy se perde da família, no rio, e não vai procurá-los mas sim ao seu sonho);
- as dificuldades enfrentadas (quando Remy ensina o cozinheiro Linguini a seguir suas dicas através de puxões em seu cabelo; quando o cozinheiro Skinner tenta encontrar Remy para desmoralizar Linguini);
- a concretização de seu projeto de vida (quando seu pratos são elogiados, e quando finalmente é aceito como *chef*).

b) Comentar sobre as cenas do filme, ouvir a opinião de cada um;

c) Solicitar que cada um faça um quadro com seu projeto de vida.

Meu sonho é: _____				
Penso em concretizá-lo em	Atitudes que preciso tomar	Possíveis dificuldades que encontrarei	poderei contar com...	Começarei por....

d) Oportunizar a apresentação dos quadros e expô-los na sala;

e) Orientar para que o deixe bem visível em casa;

- f) Trabalhar a importância de se estabelecer metas a cumprir, de se traçar um projeto de vida, de ser persistente naquilo que acredita, que quer para si.
- g) Outros filmes que podem ser utilizados para este trabalho:
 - Patch Adams: O amor é contagioso;
 - Vida de insetos.

1.8.3.2 Autoconhecimento

- a) Passar trechos do filme;” Irmão Urso” enfatizando:
 - a desvalorização do outro (Kenai fica triste com seu amuleto porque é um “simples” urso e não um animal guerreiro);
 - necessidade de aparecer / ação sem reflexão (Kenai vai atrás do urso sozinho);
 - percepção da outra versão dos fatos (quando Kenai fica na forma de urso, conhece o Koda e toma ciência do perigo que o homem representa para o urso, conhecendo a outra versão dos fatos);
 - o assumir as decisões tomadas (Kenai resolve ficar na forma de urso para cuidar de Koda).
- b) Outros filmes que possibilitam o mesmo enfoque: autoconhecimento
 - O patinho feio;
 - Clic;
 - Dumbo;
 - Rei Leão II.

1.8.4 Visitas

- a) Levar os alunos a:
 - visitarem universidades para conhecerem o espaço, os cursos, professores;

- participarem de feiras de profissões, para que esclareçam dúvidas.

1.8.5 Cartazes

- a) Fazer, junto aos alunos, cartazes informativos (Enem, ProUni, Vestibular, Profissões Formais e Informais) e deixar em exposição;
- b) Cada aluno poderá pesquisar uma profissão e apresentá-la em forma de cartaz, teatro, *powerpoint*...

1.8.6 Oficinas

Organizar oficinas com abordagens referentes a profissões, podendo nestas serem convidados alunos egressos e familiares de alunos para que participem de uma entrevista, pré-definida junto a turma, esclarecendo tudo o que for possível sobre sua profissão(média salarial, campo de atuação, tempo para formação, o que o levou a escolher esta profissão, se está satisfeito ou não e por quê...). Poderão também serem entrevistados os profissionais da escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1984.

CORIA-SABINI, M. A. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2004.

COVRE, Maria L. (Org). **A cidadania que não temos**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JENSCHKE, B. **Educação profissional em escolas em uma perspectiva internacional**. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), Orientação vocacional ocupacional. Novos achados teóricos, técnicos e instrumentos para a clínica, escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEVENFUS, R. S. (org). **Orientação vocacional ocupacional**. São Paulo: Artemed, 2002.

LISBOA, M. D. **Orientação profissional e mundo do trabalho. Reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário**. In R. S. Levenfus & D. H. P., [S.l:s.n], 2002.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

LUCCHIARI, D. H. P. S. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

MULLER, M. **Orientação vocacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PIGOZZI, V. **Adolescente – viva em harmonia com ele**. São Paulo: Gente, 2005.